

LÍNGUAS AFRICANAS QUE FAZEM O BRASIL

Caderno Educativo

 Museu
da Língua
Portuguesa

Caderno Educativo

 Museu
da Língua
Portuguesa

Bem-vinda(o) ao nosso caderno educativo!



Aqui vamos falar sobre línguas e culturas negro-africanas e de como elas participaram da formação da língua portuguesa que falamos no Brasil.

Olhe para esse mapa, ele é uma representação do mundo todo! Você consegue achar o continente africano? Qual a proporção dele em relação aos outros continentes, neste mapa?

O que você sabe sobre a África?

Escreva ou desenhe aquilo que você já ouviu sobre o continente africano. Pense nas aulas, nas notícias de TV e nos filmes.

Compare seus desenhos e anotações com os dos seus colegas. Eles são parecidos? Algum traz alguma informação nova? Quando ouvimos falar sobre o continente africano, os primeiros pensamentos e imagens que temos podem ser estereotipados.

Durante muito tempo, filmes, matérias de jornais, desenhos, entre outros meios de comunicação, foram moldando nosso imaginário coletivo. Muitas vezes, essas informações chegam para nós incompletas ou até mesmo equivocadas, o que gera preconceitos, interpretações erradas e superficiais sobre os povos negro-africanos e suas culturas.

Para valorizar e reconhecer a diversidade e a riqueza cultural do continente africano, precisamos conhecê-lo melhor e desafiar nossos preconceitos.

PARA SABER MAIS

Estereótipo é uma maneira simplificada e geralmente preconceituosa de perceber ou interpretar pessoas e lugares, baseada em padrões de senso comum que se desenvolvem ao longo do tempo.

Enquanto grande parte do mundo ainda utilizava o celular principalmente para falar, o continente africano, muitas vezes subestimado em termos de inovação tecnológica, já estava à frente em algumas áreas. Em 2007, por exemplo, o Quênia se destacou como um dos primeiros países a implementar pagamentos e transferências bancárias por celular, utilizando o revolucionário serviço M-Pesa.



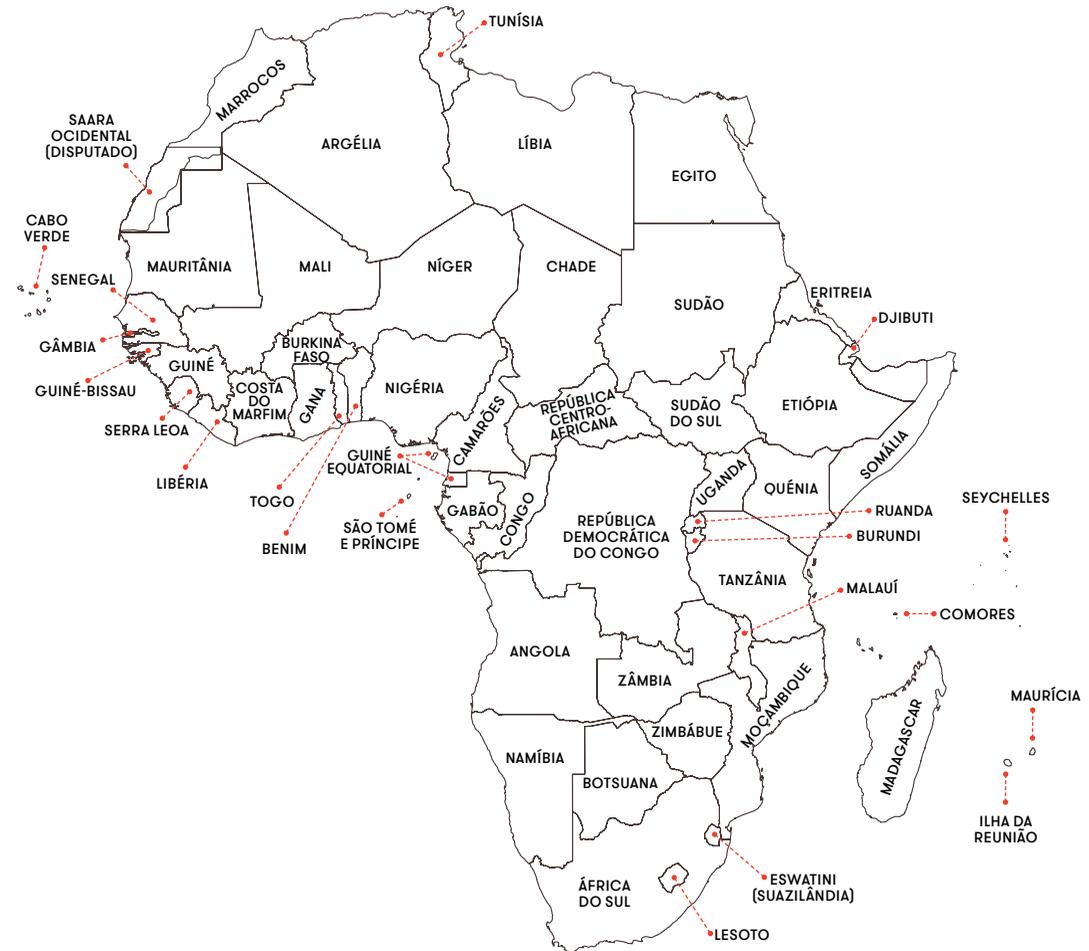


O Continente africano é diverso.

A diversidade cultural em África é imensa; existem e sempre existiram, milhares de povos diferentes, cada um com suas tradições, costumes, modos de vida e línguas.

Você sabia que na África existem mais de 2000 línguas diferentes sendo faladas? É o continente com a maior diversidade linguística do mundo!

África é o segundo maior continente do mundo em tamanho e em quantidade de pessoas, tendo aproximadamente 30 milhões de quilômetros quadrados e cerca de 1,3 bilhão de pessoas. Atualmente é um continente com 54 países, porém nem sempre foi assim. Essa divisão foi feita durante a Conferência de Berlim, que foi realizada em 1884-1885 e organizada pelas potências europeias para dividir e colonizar a África, estabelecendo fronteiras que ignoraram as identidades étnicas e culturais locais, contribuindo para séculos de exploração colonial no continente.



Utilize este mapa durante o seu percurso por este caderno. Sempre que o nome de um país africano aparecer, localize e pinte no mapa.

Bom, se você é o “caçula” da família, chama o menino de “moleque”, gosta de um “denço” e vai na “quitanda” fazer “fofoca”, você usa palavras e expressões que vieram de línguas negro-africanas! Mas quais são essas línguas? E como elas foram trazidas para cá?

A chegada das línguas negro-africanas ao Brasil está diretamente ligada à diáspora de povos negro-africanos, que ocorreu entre os séculos XVI e XIX. Durante esse período, milhões de africanos de várias regiões de África foram sequestrados, escravizados aqui no Brasil, trazendo consigo seus saberes, crenças e línguas. Entre as principais línguas africanas que foram trazidas ao Brasil estão:



quimbundo, quicongo e umbundo:

línguas da família bantu, faladas por povos da atual região de Angola, Moçambique e dos Congos. Essas línguas tiveram uma grande participação na constituição da estrutura do português falado no Brasil.



iorubá: falada pelos iorubás, que foram trazidos principalmente da região que hoje é a Nigéria e o Benin. No Brasil identificamos sua presença principalmente no vocabulário religioso do Candomblé, de outras religiões e manifestações culturais afro-brasileiras.



eve e fon: faladas por povos de regiões que hoje são o Togo e Benin. Influenciaram significativamente as religiões e a cultura afro-brasileira.

Vimos que no nosso vocabulário utilizamos diversas palavras que vieram de línguas africanas. A palavra “caçula”, por exemplo, veio do quimbundo (*kasule*), já a palavra “fofoca” (*òfófó*), do iorubá. Vamos ver as outras palavras: “moleque”, “denço”, “quitanda”. De quais línguas africanas elas vieram? Pesquise com a sua professora a origem, pronúncia e significado delas.

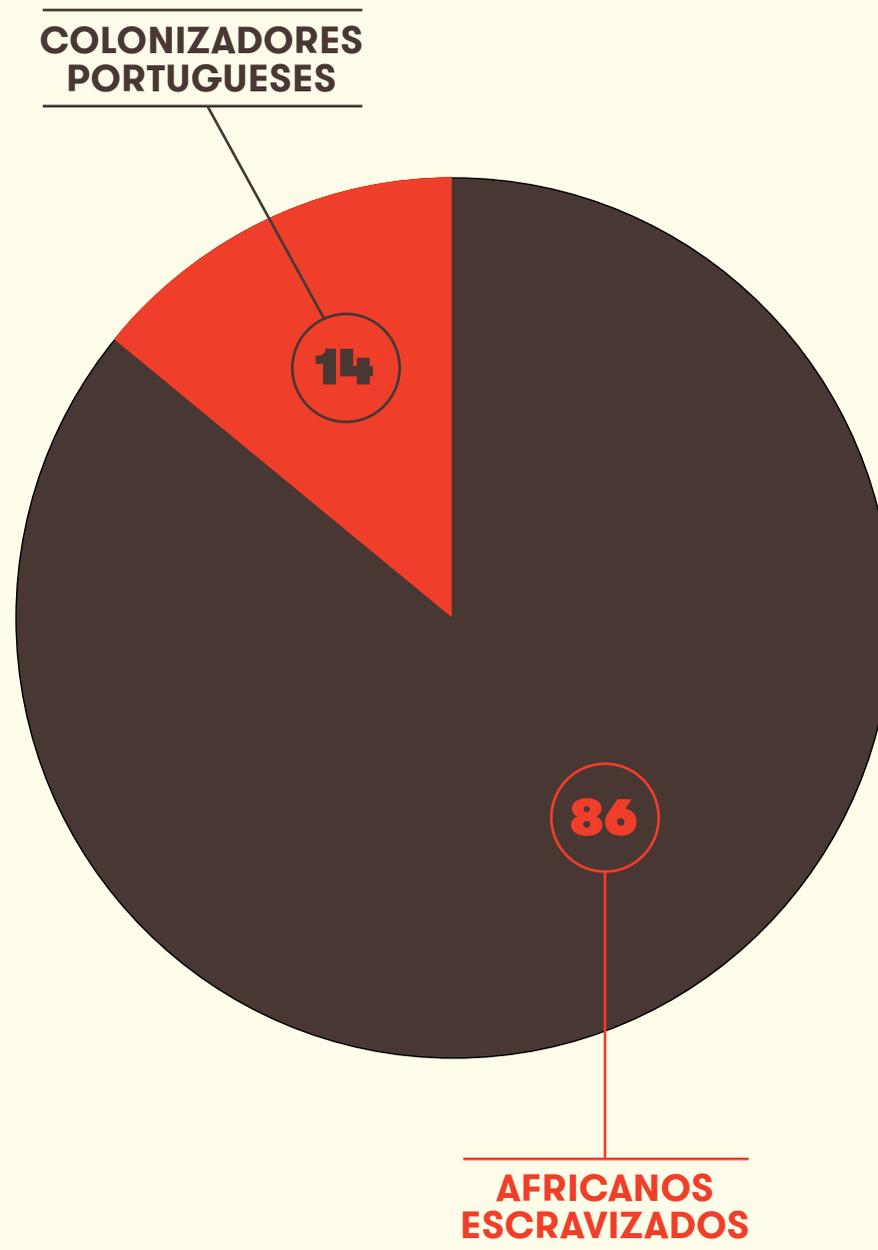


Como será que essas línguas ajudaram a constituir o português do nosso país?

Vamos voltar no tempo... **Você acha que existiam mais povos africanos e indígenas ou portugueses no Brasil do séc. XVI?**

Estima-se que no séc. XVI havia cerca de 2,43 milhões de indígenas de diferentes povos no território que hoje consideramos Brasil. Cerca de 5,48 milhões de africanos foram trazidos para serem escravizados no período de 1500 até 1850. Durante esse período de escravização, somente 750 mil portugueses entraram no Brasil, ou seja, a cada 100 pessoas desembarcadas no Brasil, 86 eram africanos escravizados e 14 eram colonizadores portugueses.

Além da proporção desigual, a violência com os povos indígenas e a exploração de mão-de-obra escravizada forçou um deslocamento interno dessas pessoas pelo Brasil. Suas línguas e culturas também circularam pelo território e, entre os escravizados, a maior parte falava línguas bantu como: quicongo, quimbundo e umbundo. Então, você acha que a língua portuguesa no Brasil poderia ter se mantido como era em Portugal?



O quanto de presença africana temos na língua portuguesa do Brasil?

Como vimos, a construção do português brasileiro é consequência destas diversas influências de povos e línguas. Analisando esse fenômeno, **Lélia Gonzalez** cria o termo **PRETUGUÊS** para nomear a língua falada no Brasil, ou seja, o português aqui é fruto de um processo de africanização.

Você já ouviu alguém falar *framengo*, *pranta* no lugar de *flamengo* e *planta*? Bom, algumas línguas do grupo bantu não têm certas consoantes, como L. Através da oralidade, da sonoridade e das formas de pronúncia, essas línguas africanas foram constituindo a língua portuguesa falada no Brasil.

E quando a gente não coloca o substantivo no plural? Dizendo *as menina*, *os moleque*, *as caixa*? No quimbundo, por exemplo, o plural não é marcado pelo S no final das palavras, mas sim por prefixos, as partículas que vêm antes dos nomes (substantivos).

Um outro exemplo pode ser visto na tentativa de suprimir os chamados encontros consonantais. No caso das línguas bantu as palavras tendem a ser escritas como Consoante - Vogal - Consoante - Vogal (CVCV) e, quase sempre terminam em vogal. Por conta disso temos exemplos de modos de falar que transformam palavras, tipo: “trabalho” na língua falada, que se modifica para “trabaio” e “mulher”, vira “muié” e por aí vai.

Partindo dessas presenças é possível encontrar outros exemplos:

✘ Diminuir algumas palavras como estar para ‘**tá**’ e você para ‘**cê**’.

✘ Cortar o /r/ que marca a forma infinitiva dos verbos como: ele vai ‘**cantá**’ no lugar de *ele vai cantar*.

✘ A relação da troca fonética (som) do **e** pelo **i** e do **o** pelo **u** como por exemplo: dizer “oralidade” por “oralidadi” e ‘**pretu**’ no lugar de *preto*.

✘ Negar duas vezes na mesma frase, como: “**Não** quero ir **não**”

É comum que essas presenças sejam vistas como sinônimo de desconhecimento da língua portuguesa, como veremos mais à frente. Fato é que mesmo que tenham existido tentativas de apagar a presença das línguas africanas no português, ela resiste até os dias de hoje.

Língua também é ferramenta de resistência.



QUEM É LÉLIA GONZALEZ?

Ela foi uma intelectual, autora, ativista, professora e antropóloga brasileira, conhecida por seus estudos em torno da cultura negra no Brasil.

Você fala

Ele me insultou

OU

Ele me xingou

Hoje tomei uma injeção nas nádegas

Hoje tomei uma injeção na **bunda**

Eu não vou

Eu não vou **não**

Você é um benjamin?

Você é um **caçula**?

Vou te contar um segredo

Vou te contar uma **fofoca**

Eu vou dormir mais tarde

Eu vou **cochilar** mais tarde

Nós vamos na festa

A gente vai na festa

Você tem presença africana na sua fala

Sabe aquelas interpretações estereotipadas que falamos antes e que podiam gerar preconceitos? O **preconceito linguístico** é achar que existe um jeito certo e um jeito errado de falar, com base no seu repertório pessoal. Mas será possível alguém desconhecer a sua própria língua?

Vamos pensar que a língua só existe porque existem pessoas que a falam. Os falantes são diferentes entre si e a língua usada para escrever (aquela do dicionário) e a língua usada para falar (oral) são, também, diferentes entre si.

O preconceito linguístico aparece quando consideramos que “fulano fala certo” enquanto “cicrano fala errado”. **Mas, será que todas as pessoas falam o mesmo português?** Você já conversou com alguém que não é da sua região? Reparou a diferença entre os falares? Isso é uma variação linguística.

A tal norma-culta é diferente do português falado no dia a dia. E tá tudo bem! Se a língua comunica, ela está cumprindo a sua função.

O pretuguês é prova da resistência de povos que foram escravizados e depois esquecidos, de culturas incorporadas e depois apagadas na medida em que aumentava o desejo por um Brasil mais branco e europeu no modo de ser, nos costumes e no idioma. Se essa resistência existe na língua, existe também a prática de discriminação que silencia vozes, é esse silenciamento que leva o nome de Preconceito Linguístico.

O Preconceito Linguístico atua a partir de outros preconceitos e marcadores: classe, etnia e origem são os mais comuns. O que muitos não sabem é que a língua falada no Brasil não é um produto da *norma culta* ou das *variedades prestigiadas*, mas da criação de um povo fortemente influenciado por africanos e indígenas.



A presença de povos africanos no Brasil não constituiu apenas a língua portuguesa, mas a nossa cultura como um todo! Ela marcou, também, outras formas de linguagens que usamos como os gestos, a música, a dança e a forma de vestir, entre outros.

Há várias linguagens das culturas africanas que foram reprimidas e silenciadas, como já conversamos antes, pelo preconceito. Mesmo assim, muitas dessas manifestações resistiram ao longo do tempo e sobrevivem até hoje, como veremos a seguir.

Muitas manifestações afro-brasileiras foram silenciadas, como o samba, RAP, jongo, penteados, religiões de matrizes africanas, entre outros.

Um exemplo destas linguagens são os sons e ritmos dos tambores. Os **tambores** são instrumentos musicais de percussão que estão presentes em diferentes culturas com nomes e formas variadas. Em culturas africanas conhecemos o Djembê, um tipo de tambor originário de Guiné Conacri, na África Ocidental, mas também presente nos países Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso e Senegal. Na Nigéria, com os povos iorubás, existe um tambor tocado com baquetas chamado Sakara. Dos povos bantu há Ng'oma (ou Ngoma) e o seu uso foi trazido para o Brasil pelos africanos escravizados, sendo usado nos rituais religiosos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda.

Tambores dão voz a manifestações culturais, como em religiosidades e crenças. Mesmo com essa representatividade, no passado, o som dos tambores em reuniões religiosas negro-africanas incomodava parte da sociedade brasileira, que chamava a polícia. Os instrumentos eram confiscados como provas de crimes, dos quais esses grupos eram acusados.

Durante a repressão policial às manifestações culturais negro-africanas, muitos utensílios afro-brasileiros foram apreendidos, coleções que posteriormente ficaram sob guarda das instituições de memória. Antes símbolos de desordem social, **hoje testemunhos da contribuição do negro à formação cultural do país.**



O corpo é instrumento político e expressão das narrativas por onde passa.

As **tranças** são elementos de diversas culturas africanas. Possuem sentidos políticos, estéticos, religiosos e, também, subjetivos, que narram o cotidiano, as experiências e as histórias destes povos. Através da tradição oral, há afirmações de que uma faceta das tranças como linguagem foi usada durante o período da escravização, onde as mulheres negras trançavam os cabelos umas das outras, usando o desenho das tranças como um mapa para encontrar o caminho de fuga para os quilombos.

Até hoje as tranças são uma forma de expressão pessoal e coletiva, celebrando suas raízes e afirmando a autoestima. Apesar da popularidade e aceitação crescente, muitas pessoas ainda enfrentam discriminação por usar tranças.



Outra marca identitária afrodescendente é o **turbante**. De tecidos coloridos, os turbantes também são uma forma de expressão. A sua origem é incerta, mas, aqui no Brasil, há apontamentos de que os turbantes foram incorporados na sociedade através de africanos escravizados. Seu uso está além da estética e é objeto de valorização e símbolo de poder.

Sendo assim, o que um turbante comunica?

Podem ser símbolos de resistência, frente ao preconceito e a discriminação. Em alguns contextos, como o de religiões de matriz africana, ele pode ter o nome de ojá e tem uma dentre as várias funções, como a proteção do orí (cabeça, em iorubá), por exemplo.

Os símbolos dos turbantes são passados de gerações para gerações, como parte de uma herança cultural, carregando consigo significados e **simbolismos**.

Ou seja, os turbantes não são apenas acessórios de moda, mas também carregam um profundo significado cultural, histórico e espiritual para as comunidades negras ao redor do mundo, representando continuidade cultural e resistência frente aos preconceitos.



A grafia é uma tecnologia desenvolvida para comunicar a língua de maneira visual e ao longo desse caderno nós nos comunicamos através dessa linguagem escrita. No Brasil, como em diversas partes do mundo, utilizamos o alfabeto latino para transmitir mensagens gráficas. Mas será que essas letras, sinais e pontuações são a única maneira visual de expressar ideias?

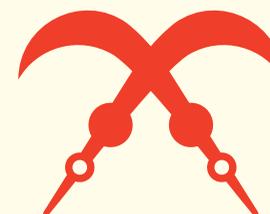
Na África Ocidental, especialmente nos países Gana, Burkina Fasso e Togo, histórias transmitidas oralmente relatam que no século XVII surgiu o povo Ashanti através da união do povo Akan. Eles desenvolveram os Adinkras, que são ideogramas usados para transmitir valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Estes símbolos são uma expressão da cosmopercepção desse povo e eram estampados em tecidos, adornos, penteados, esculturas em madeira e até mesmo em peças de ferro, sendo especialmente utilizados em rituais fúnebres – a própria palavra “Adinkra” traduz-se como “adeus à alma”.



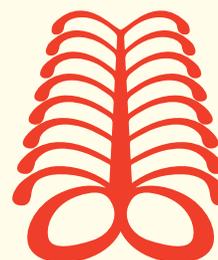
DUAFE
pente de madeira.



ODEMKYEM
o crocodilo vive na
água, mas ele respira
o ar e não a água.



AKOFENA
espadas
cerimoniais do
Estado.



AYA
samambaia.
“Eu não tenho
medo de você”.



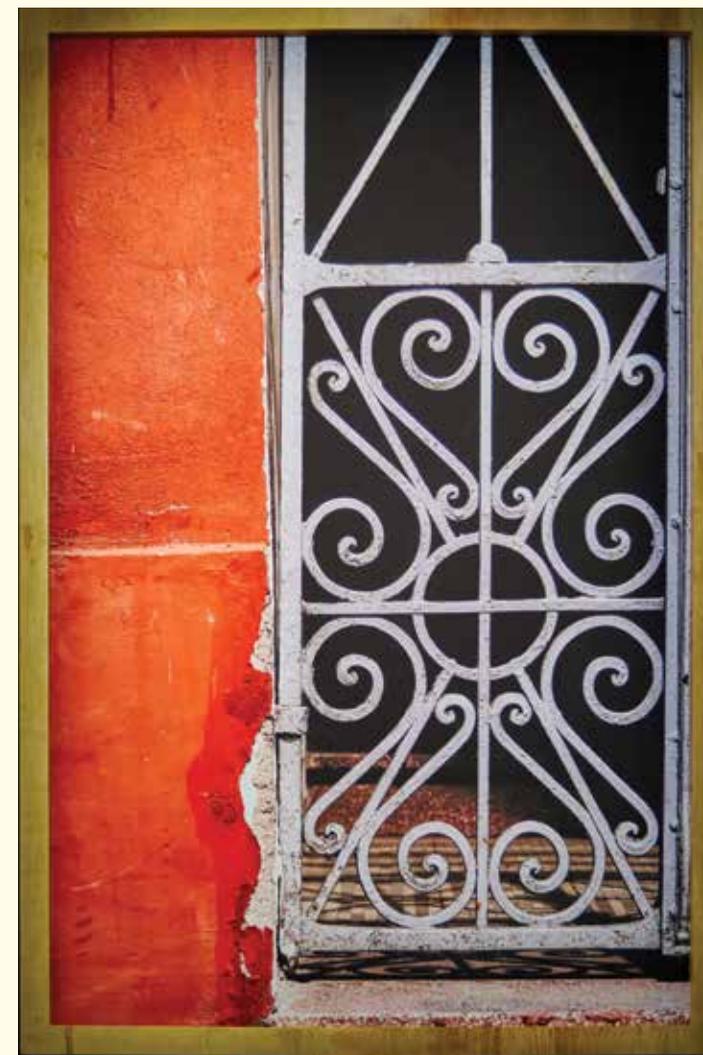
ANANSE NTENTAN
A teia da aranha.

Essa escrita está mais presente no nosso cotidiano do que você imagina! Observe a imagem abaixo:



O ideograma que parece um pássaro se chama Sankofa e essas outras duas imagens que lembram um coração são uma variação desse mesmo Adinkra. Ele nos ensina o valor de olhar para trás e aprender com o passado para, assim, construir o presente e o futuro.

Observe-os com atenção. Muito provavelmente você já os viu no seu caminho da escola, ou pelas ruas e até mesmo em sua casa! Você reconhece as imagens ao lado?



Diogo de Andrade para o Projeto 'Gradis do Recôncavo' de Bartira Lobo e Pinheiro- Gradil da Rua Ana Nery, no 66- Cachoeira/BA, 2022

Esses símbolos - muito presente em grades e portões aqui no Brasil - representam justamente o Sankofa e suas variações.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador
Félicio Ramuth

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

Secretária
Marília Marton

Secretário Executivo
Marcelo Assis

Chefe de Gabinete
Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Karina Santiago

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus
Sofia Gonçalves

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico
Mirian Midori Peres Yagui

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo
Regiane Lima Justino

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gestão
IDBrasil Cultura, Educação e Esporte – Organização Social de Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Dalton Pastore Junior

Vice-Presidente do conselho de Administração
Matheus Gregorini Costa

DIRETORA EXECUTIVA
Renata Vieira da Motta

DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA
Vitória Boldrin

DIRETORA TÉCNICA
Roberta Saraiva Coutinho

CURADORA ESPECIAL DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA
Isa Grinspum Ferraz

NÚCLEO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL
Fernando Gallo (Coordenador)
Clara Machado, Letícia Leal, Samantha Silveira (Produtor/a)

NÚCLEO EDUCATIVO
Marina Toledo (Coordenadora)

Guilherme Santos (Assistente de Coordenação)

Edson Ignácio (Assistente de Formação e Conteúdo)

André Almeida (Supervisor do Educativo)

Letícia Garcia (Assistente Administrativo)

Aline Pereira, Amanda Amaral, Anaily Sequera, Daniela Lima, Ellen Silva, Ingrid dos Anjos, Luana Miranda Bastos, Mariana Lachner, Matheus Dionísio, Mylena Carvalho, Sabrina Rocha, Sidney Zonatto, Telma Santos, Thauane Possimoser, Vanessa Oliveira, Vinebaldo Aleixo (Educadoras/es)

Akill Evangelista, Ana Oliveira, Cainã Barbosa, Davi Farias, Endy Gonzaga, Felipe Henrique Alves, Giane Andrade, Igor Feitosa, Jaqueline Reis, Jaz Hausf, Jeferson Santos, Jordana Oliveira, Kauê Pontes, Lara Ribeiro, Laura Santos, Leonardo Salvaterra, Luzia Santos, Marcelo Gomes, Natanael Araujo, Paula Muecólica, Paula Santos, Regina Santos, Sabrina Carvalho, Talita Santana, Tatiane Silva, Teresa Pembele, Tiago Bispo, Vinicius Almeida. (Orientadoras/es)

EXPOSIÇÃO LÍNGUAS AFRICANAS QUE FAZEM O BRASIL

Curador
Tiganá Santana

Assistente de Curadoria
Mayara Carvalho

Pesquisa Iconográfica e Textual
Juliana de Arruda Sampaio

Pesquisa Linguística, Textual e Tradução
Nijí Tokunbo Mon'a-Nzambi

Consultoria
Yeda Pessoa de Castro

Design gráfico
Daniel Brito
Oga Mendonça
Geovana Martinez

Ilustrações
Letícia Moreno

Exposição Temporária “Línguas africanas que fazem o Brasil”

Patrocínio Máster



Patrocínio



Apoio



instituto ULTRA



Museu da Língua Portuguesa

Gestão

Concepção e Implantação



Realização



SÃO PAULO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA

